

Construção Participativa de Projeto de Desenvolvimento Territorial: A Experiência do Projeto Semeie Ostras

PARTICIPATORY CONSTRUCTION OF TERRITORIAL DEVELOPMENT PROJECT: THE EXPERIENCE OF SEMEIE OSTRAS PROJECT

Miguel da Costa Accioly¹; Natali Lordello de Oliveira²; Naiara Maria Santana Neves³; Fábila Calasans⁴; Jussara Rêgo⁵

RESUMO

O presente relato de prática descreve a estruturação da Rede de Ostreicultores Familiares Solidários da Bahia, dentro do projeto Semeie Ostras. O projeto foi pensado e elaborado, durante cerca de um ano, de forma participativa entre comunidades e órgãos governamentais. Para sua execução foi formado um conselho gestor constituído por representantes das doze comunidades componentes da Rede. Esse conselho discute e delibera sobre inúmeras atividades de cinco metas principais relacionadas a técnica de produção de ostras, gestão social, diversificação da produção, educação ambiental e capacitações. Atualmente a Rede busca sua formalização a fim de proporcionar o desenvolvimento da produção e comercialização da ostra, além de investir na resolução coletiva dos diversos conflitos e problemas enfrentados pelas comunidades. Todas essas ações do projeto têm servido como ponto para discussões dessa prática dentro do próprio Ministério da Pesca e Aquicultura como exemplo aos futuros trabalhos de intervenção em comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Ostreicultura; Gestão social; Co-gestão.

ABSTRACT

This practice report describes the organization of Familiar and solidarity oyster farmers Network in Bahia, within the Semeie Ostras project. The project was planned and executed, for about a year, in a participatory manner between communities and government agencies. For its conduction was formed a management council composed by representatives of each of twelve network communities. This council discusses and decides about activities related to five main technical goals such as: oyster production,

¹ Professor adjunto do Instituto de Biologia da UFBA, vinculado ao Mestrado profissional de Desenvolvimento e Gestão Social, atuando principalmente em extensão pesqueira, maricultura e ecologia costeira. Email: acciolyufba@gmail.com.

² Bacharel em Ciências Biológicas trabalhou como Coordenadora de Campo de projetos de extensão, atualmente é Extensionista de Produção no Projeto Semeie Ostras.

³ Graduanda em Ciências Sociais na UFBA, foi bolsista de gestão social do Projeto Semeie Ostras

⁴ Jornalista e Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social, pela UFBA. Atualmente é Extensionista de gestão social do Projeto Semeie Ostras.

⁵ Bacharel em Ciências Biológicas e Mestre em Geografia pela UFBA. Trabalhou com pesquisa, extensão e assistência técnica. Atualmente é Coordenadora Técnica do Projeto Semeie Ostras – Programa MarSol

social management, production diversification, environmental education and producer training. Currently, the Network seeks to formalize it in order to provide the development of oyster production and marketing, also invest in collective resolution of various conflicts and problems faced by communities. All these actions have served as the point for discussions of this practice within the Ministry of Fisheries and Aquaculture as an example to future work intervention inside traditional communities.

Key Words: Oysterculture; Social management; Co-management

As comunidades costeiras tradicionais vêm perdendo sustentabilidade gradativamente, seja pela redução da produtividade dos estoques pesqueiros, seja pela perda de territórios. A maricultura vem sendo apontada como uma alternativa a esta realidade. Contudo, no estado da Bahia, este segmento econômico ainda apresenta resultados tímidos de produção e comercialização, sobretudo quando se considera sua capacidade de gerar alternativas de trabalho e renda para as comunidades tradicionais de pesca. Parte considerável dos investimentos e empreendimentos existentes no setor baseia-se em formas de organização produtivas de acumulação do capital e exploração do trabalho, exclusão dos/as atores e atrizes das comunidades, além de apresentar lacunas no controle sanitário e ecológico do processo de produção. O enfrentamento de aspectos negativos desta realidade exige a articulação de esforços entre agentes institucionais e atores locais, tendo como principais protagonistas as comunidades impactadas.

O programa Marsol (Maricultura Familiar Solidária), da Universidade Federal da Bahia surgiu na perspectiva de fortalecer as comunidades pesqueiras

tradicionais da Bahia através da implementação e do apoio às atividades de maricultura, em escala familiar de forma solidária e sustentável em todas as dimensões. O Programa Marsol em 2008 passou a integrar o Projeto Gente da Maré, através do acordo bilateral entre Brasil e Canadá financiado pela Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional e Ministério da Pesca e Aquicultura, sob gestão da World Fisheries Trust – WFT. Esta parceria propiciou intercâmbios de experiências entre técnicos e comunidades de diferentes regiões e culminou na elaboração participativa interinstitucional e intercomunitária do Projeto Semeie Ostras, e dentro deste, articulação para a criação e sustentação da Rede de Ostreicultores Familiares da Bahia.

Todo o processo de elaboração do Projeto Semeie Ostras durou cerca de um ano, quando foram realizadas algumas oficinas nas comunidades com perguntas simples e claras para definição das principais metas, territórios e participantes. Em seguida, foram realizadas oficinas entre as comunidades com participação de órgãos governamentais para consolidação das propostas. Finalmente diversas reuniões menores para consolidação do projeto ocorreram em momentos de encontros dos grupos de trabalhos do Projeto Gente da Maré – GT's-GDM.

O projeto elaborado tem como metas: a) o aprimoramento, ampliação e consolidação de técnicas de ostreicultura artesanal com base em adaptações identificadas no processo de gestão participativa de empreendimentos comunitários; b) o desenvolvimento e a aplicação de estratégias de associação e cooperação entre os agentes da cadeia produtiva e a promoção de espaços de intercâmbio e capacitação para moradores de comunidades diretamente envolvidas e de outras do entorno, estudantes universitários, produtores e técnicos; c) a realização de experimento participativo de gestão compartilhada do estoque natural do molusco conhecido como lambreta (*Lucina pectinata*) numa perspectiva de diversificação das ações produtivas e; d) ações de educação ambiental nos territórios para fortalecer a sustentabilidade ambiental dos empreendimentos produtivos comunitários.

A implantação do projeto passou por uma oficina de autoconhecimento entre algumas comunidades, seguida pelo estabelecimento de um conselho gestor formado por 12 representantes comunitários, e com participação das instituições acadêmicas e governamentais. A partir de então diversas oficinas e intercâmbios estão sendo promovidos tendo a Rede de Ostreicultores Familiares Solidários da Bahia como um dos principais resultados. As comunidades participantes são: Taperoá e Graciosa (município de Taperoá); Quilombo da Batateira e Galeão (Cairú); Baiacu, Ponta Grossa, Matarandiba (município de Vera Cruz); Ilha da Banca e Jaguaripe (Jaguaripe); Quilombo de Porto do Campo (Camamu); Tanque (Maraú) e Quilombo do Iguape (Cachoeira). Todos estes grupos produtivos desenvolvem a atividade da pesca,

mariscagem e/ou agricultura familiar. São, em sua maioria, comunidades negras rurais quilombolas que têm em seu entorno grandes riquezas naturais, transformadas em trabalho e renda garantindo a permanência dos indivíduos nos seus territórios.

A formação da Rede iniciou-se com o levantamento das comunidades pesqueiras tradicionais envolvidas na atividade da ostreicultura e sua articulação em um espaço de discussão que possibilitou o reconhecimento entre suas realidades e práticas. O I Encontro de Ostreicultores Familiares Solidários da Bahia, realizado em março de 2010, cumpriu o papel de reunir os/as ostreicultores/as para levantarem juntos/as suas demandas enquanto maricultores familiares, trocarem experiências, se articularem politicamente e traçarem estratégias a fim de atingir os objetivos ali colocados. Desta maneira, os grupos envolvidos identificaram a necessidade e importância desse formato de organização, passando para a fase do amadurecimento, definição de prioridades e formalização desta articulação. Tudo isso se dá nos espaços de capacitação da Rede, direcionados através da atuação do Conselho Gestor do Projeto Semeie Ostras que abarca representantes de todas as comunidades integrantes da Rede. Atualmente a Rede atua com foco na sua formalização enquanto cooperativa a fim de proporcionar o desenvolvimento da produção e comercialização da ostra. Vêm atuando também na capacitação dos/as produtores/as em temas como cessão de águas públicas, monitoramento sanitário e ambiental, educação ambiental, economia solidária, beneficiamento e certificação do produto. Além de procurar resolver coletivamente os diversos conflitos e problemas de diversas ordens enfrentados pelas comunidades que são abordados dentro do espaço de discussão da Rede.

O processo de elaboração do projeto permitiu: a) uma alta similaridade entre as propostas surgidas originalmente nas comunidades e o projeto operacional final, revelando uma alta coerência e comprometimento das decisões no nível comunitário; b) uma grande efetividade e comprometimento no processo de formação da aliança entre comunidades, instituições governamentais e academia; c) o estabelecimento de técnicas e fundamentos bem adequados as intervenções propostas. Evidenciando assim que o investimento nos diálogos iniciais garante um fortalecimento da aliança desejada, além da apropriação do projeto por parte dos/as principais atores e atrizes - comunidades locais - proporcionando a sustentabilidade das ações propostas.

Atualmente, além da ação continuada do projeto e da formalização da Rede, discussões dessa prática ocorrem com regularidade dentro do próprio Ministério da Pesca e Aquicultura para que este projeto sirva de exemplo aos futuros trabalhos de intervenção do Ministério, Superintendência e empresas de fomento à pesca e aqüicultura do estado da Bahia.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, M. C.; TOSTA, G. & CORRÊA, A. M., 2002. A Farming marine shrimp in floating cages: an effort to develop an alternative sustainable mariculture in Bahia (Northeast Brazil). In: International Conference On Sustainable Management Of Coastal Ecosystems. Porto-Portugal: Universidade Fernando Pessoa, 2002.

CALASANS, F. V. M. O Gestor Social Como Facilitador do Desenvolvimento: Aprendendo com a Metáfora do Jardineiro. (Dissertação). Mestrado Multidisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia, 108f. Salvador, Bahia, 2011.

SANTOS, I. G.; SCHOMMER, P. C.; ACCIOLY, M. C.; ICÓ, I.; CORRÊA, A. M. A. & OLIVEIRA, N. L. Aprendendo com identidades e diversidades de comunidades tradicionais de pesca e mariscagem do Baixo Sul baiano. Salvador: CIAGS/UFBA; FAPESB; SECTI; CNPq, 2009. 112p., il.

SCHOMMER, P. C. & SANTOS, I. G.; 2006. O Peso de Elementos Institucionais e Metodológicos na Balança das Relações Intersetoriais: Análise de Duas Experiências que Pretendem Contribuir para o Desenvolvimento Local. Anais da VI Conferência Regional da International Society for Third Sector Research (ISTR) para América Latina e Caribe. Salvador, Bahia, Brasil, 2007

SCHOMMER, P. C.; CORRÊA, A. M. A.; ICÓ, I. ACCIOLY, M. C.; & OLIVEIRA, N. L. Aprendendo a ser interdisciplinar: reflexões e experiências vividas no Marsol. In: SANTOS, I. G. & SCHOMMER, P. C. (Org.) Aprender se Aprende Aprendendo: construção de saberes na relação entre universidade e sociedade. Salvador: CIAGS/UFBA; FAPESB; SECTI; CNPq, 2010. Cap. 3. p 68 - 85.

SCHOMMER, P. C.; CORRÊA, A. M. A.; ICÓ, I. & ACCIOLY, M. C. Desafios da gestão intersetorial, interdisciplinar e internacional: aprendizagem na prática da maricultura familiar solidária em prol do desenvolvimento sócio-territorial In: SANTOS, I. G. & SCHOMMER, P. C. (Org.) Aprender se Aprende Aprendendo: construção de saberes na relação entre universidade e sociedade. Salvador: CIAGS/UFBA; FAPESB; SECTI; CNPq, 2010. Cap. 4. p 88 - 111.